



Centro de Pindamonhangaba em fins do século XIX

## Fábio Schmidt Goffi\*

**F**oi Monteiro Lobato, que tinha também pendor para a pintura, quem deu a Pindamonhangaba o envaidecedor epíteto de “terra roxa do talento e da aptidão”.

Se a assertiva do imortal valeparaibano carecesse de demonstração, aqui a teria, neste admirável trabalho de preservação de nossa memória iconográfica, e no texto que o enriquece: não têm conta as figuras conspícuas de pindamonhangabenses que, num único século, marcaram vincadamente a História do Brasil.

Contudo, a melhor demonstração da assertiva não está no livro, mas sim no autor: Fábio Schmidt Goffi é um talento exuberante e multifário, que tanto mais se impõe, quanto mais se veste de encantadora modéstia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universida-

de de São Paulo, de que foi proficiente diretor, os trabalhos, títulos e cargos que lhe opulentam o currículo, exigiram páginas, mesmo em síntese vigorosa. Autor de mais de 170 trabalhos de pesquisa ou de divulgação sobre Cirurgia, membro de 15 sociedades médicas, tendo sido governador para o Brasil do American College of Surgeons, professor de Faculdades de Medicina em São Paulo, Goiânia e Taubaté, também acumulou e difundiu conhecimentos, em 22 viagens culturais ao exterior. Conquistou 12 prêmios científicos. E teve uma constante, dos bancos escolares à mais alta docência na Casa de Arnaldo: a distinção. Com distinção defendeu sua Tese de Doutorado, em 1951; em 1955 e em 1966, conquistaria duas livre-docências - de Técnica e de Clínica Cirúrgica - ambas com distinção; em 1977, chega-

ria, com distinção, por concurso de títulos e provas, a professor titular do Departamento de Cirurgia.

Mas a brilhante carreira do Mestre não lhe esgotaria as manifestações de talento. A ciência a que se consagrou, não lhe obliterou o pendor artístico e o senso literário que parecem marcar, indelevelmente, a gente pindamonhangabense. E este livro bem o comprova.

Aos 56 desenhos aqui enfeixados - que constituem um documentário de incalculável valor -, acrescentou o autor um texto de penetrante análise e ática elegância que, destinando-se a retratar “Pindamonhangaba no século XIX”, acaba por constituir-se em belíssima síntese de nossa história. História apaixonante da cidade que, antes de o ser, foi uma

*Civitas*, um agrupamento humano (a lição é de César Salgado, citado pelo autor) movido por interesses e estímulos “não só materiais, mas, sobretudo, espirituais”; agrupamento que “encontrava na identidade de princípios, de sentimentos e de aspirações, as características que haveriam de distingui-lo através das idades”.

Revivendo a lição do inesquecível “Promotor das Américas”, Fábio Goffi encerra seu irretocável texto histórico formulando votos para que não nos limitemos “à conquista de bens materiais”, mas que saibamos dar à Cidade aquele “toque de humanismo e de cultura que outrora foi a marca *dagens pindamonhangabensis*”.

\* Prefácio da obra “Pindamonhangaba no Século XIX”, assinada pelo deputado Geraldo Alckmin Filho



**A**proxima-se, celeremente, a auspiciosa data do 1º CENTENÁRIO DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO, entidade irmã da sua parente próxima, a ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA (APM).

Cabe a todos nós tornar solenes as comemorações dos 100 anos de existência da mais antiga e tradicional das Sociedades Médicas de nosso Estado. A presente Diretoria gostaria, no decorrer deste ano, de compartilhar com os senhores acadêmicos e com a classe médica em geral, o peso destes cem anos de existência de uma Sociedade fundada e dirigida no passado por alguns dos maiores expoentes da Medicina neste Estado.

Aos 7 de março de 1895, com espírito de Academia, fundava-se a SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO, na ocasião sendo aclamado como seu primeiro presidente Dr. Luiz Pereira Barreto. Desde então, tornou-se essa Sociedade a tribuna dos problemas médicos de São Paulo, ouvida pelos governos que se sucederam na Província e depois no Estado de São Paulo. De 1895 a 1933, foi o único foro médico da Paulicéia, apenas nesta data surgindo a Associação Paulista de Medicina, e em 1951 a Associação Médica Brasileira.

Faz parte da história médica paulista que na então Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo surgiu a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a famosa Policlínica de São Paulo, que funcionava no mesmo prédio da Sociedade. Esse ambulatório prestou serviços inestimáveis à população carente da época, no endereço da antiga Rua do Carmo. Da mesma Sociedade surgiu o Instituto Vacinogênico, mais tarde transformado no Instituto Pasteur.

Foi durante a presidência do Professor Alípio Correia Neto nesta Academia, que a idéia da

Associação Médica Brasileira (AMB) foi lançada, e o seu autor juntamente com outro ex-Presidente, o Professor Jairo Ramos, a idealizaram, fundaram e puseram em funcionamento. Por isso o Professor Alípio foi Presidente da A.M.B. por mandato longo efetivo ou de complementação, tornando-se figura primeira e ímpar dessa organização nacional.

Em 1954, época em que se celebrava o IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO, estando na presidência desta Academia o Professor EURICO BRANCO RIBEIRO, figura insigne da medicina e da cultura paulista, houve a transformação da Sociedade de Medicina e Cirurgia na atual ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO.

Desde a sua fundação, esta Academia tem sido um importante núcleo da elite médica de São Paulo. Como deixamos, hoje, de sentir o peso e a representatividade de alguns de nossos mestres mais ilustres, que passaram por sua presidência: um Luiz Pereira Barreto, seu fundador, um Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo, um Diogo de Faria, Rubião Meira, Nicolau Moraes Barros, José Alves de Lima, Celestino Bourroul,

Enjoras  
Vampré,  
Adolpho  
Lindemberg,  
Américo  
Basilense,  
Olympio  
Portugal,  
Zeferino do  
Amaral,  
A.C. Pacheco e Silva,

Ovídio Pires de Campos, Flaminio Favero, Jairo Ramos, Antonio Carlos Gama, Alípio Correia Neto, Benedito Montenegro, Eurico Branco Ribeiro, Mário Ramos de Oliveira, Adherbal Tolosa, um Carlos da Silva Lacaz e um Antonio Spina França entre tantos outros, que souberam enriquecer com seus ideais e sua projeção a medicina de São Paulo.

Esta lista sumária de nossos oitenta e seis ex-Presidentes nos leva a pensar, hoje, no significado dessas comemorações e de nosso papel no contexto das Associações de Classe Médica Paulista. Temos

# 100 ANOS A ACADEMIA DE SÃO PAULO COMEMORAR

“As Academias, como tantas outras, não sabem celebrar. Uma Academia nova é com falta-lhe solenidade. A nossa primeira comemoração não aconteceu senão muito tempo depois de nós, na terceira década do século XIX.”

(Joaquim Nabuco, in: Discurso da instalação)

\* RAUL MARINO

um Sindicato, preocupado com os aspectos trabalhistas e uma Associação Paulista de Medicina (APM) responsável pelos aspectos profissionais e técnico-científicos de nossa medicina. Fica, portanto, reservado para esta Academia o mais amplo, o

mais elevado, o menos comprometido e o mais seletivo dos foros para o diálogo, discurso e debates sobre: saúde, doença, o médico e a Universidade (Ensino Médico), temas esses em que todos nós, médicos, professores universitários, administradores de saúde e cidadãos em geral deveríamos estar envolvidos em torno de uma única palavra de ordem: conscientização. Tomar consciência de que problemas existem nesses setores em nosso meio, e que essas questões necessitam ser colocadas, racionalizadas, discutidas e enfrentadas, sem omissão, de modo objetivo e concreto, dentro de uma realidade

que se nos afigura cada vez mais séria neste final de século! Já fomos ouvidos no passado através de nossos altisonantes representantes, e devemos “de novo” fazê-lo agora. Está a função da Academia, diferentemente de

outras Associações Médicas, sejam elas sindicais, entidades de classe, conselhos regionais, etc. Aqui devemos cultivar a memória e a tradição da medicina, pois a tradição é a forma de mantermos vivos os nossos ideais humanísticos. Sem tradição não temos passado e não teremos futuro. Academia é o que fazemos que ela seja, é o que queremos que ela seja, pois sem uma filosofia teremos apenas conhecimentos dos fatos médicos. Só o humanismo poderá dar sentido à medicina.

A atual diretoria constituída pelos acadêmicos: Raul Marino Junior (Presidente), Cláudio Cohen

“Foi da sociedade que surgiu o atual Instituto Pasteur”

“Devemos cultivar a memória e a tradição da academia”



# ANOS DE MEDICINA ULO VAI U CENTENÁRIO

*...oisas, precisam de antiguidade.  
...ma Religião sem mistérios:  
...função não poderá ser preenchida  
...ou quarta dinastia de nossos sucessores.*

(solene da Academia Brasileira de Letras)

RINO JR.

(Presidente Eleito), Irineu Velasco (Secretário-Geral), Marcel Cerqueira Cesar Machado e Geraldo Medeiros Neto (Tessoureiros), além de sua Comissão Científica, Comissão de Patrimônio e a Comissão recém-formada para

cuidar das comemorações do Centenário: Drs. Gyorgy Bohm, Sergio de Almeida Oliveira, Irany N. Moraes, Antonio Carlos Gomes, Antonio Spina França, Carlos da Silva Lacaz e o acadêmico José Knoplich, Presidente da APM, todos têm o firme propósito de resgatar tudo de bom e os valores que a Academia já representou e deverá representar como Instituição.

Aproxima-se o 1º Centenário dessa casa e logo teremos um século de existência. Deverá ser extenso o nosso programa de celebrações e inovações. Estamos procurando restabelecer uma nova sede, em substituição à velha sede que

possuímos na Rua do Carmo, onde poderemos reinstalar a antiga biblioteca então existente e proporcionar encontros frequentes, como os que vimos realizando em nossa sede provisória à Rua Martiniano de Carvalho, 995, e

no salão nobre da Real e Benemerita Beneficência Portuguesa. Essas novas instalações foram obsequiosamente cedidas pelo nosso novo mecenas, o Dr. Antonio Ermírio de Moraes, Presidente do Hospital Beneficência Portuguesa, grande conhecedor dos problemas e defensor da medicina brasileira, até a consecução de uma sede definitiva. Ali procuraremos exercer melhor nossa missão de acadêmicos, realizar nosso trabalho de reconstruir nossa vetusta Academia, que ainda está sendo construída. O projeto parece ambicioso, e por isso, para realizá-lo, precisaremos contar com a colabo-

ração de todos os acadêmicos, uma verdadeira apologia ao trabalho de equipe, no qual sempre temos baseado nossas realizações.

A terceira ou quarta geração a que se referia Joaquim Nabuco, na frase que acima citamos, parece ser atual, e destinada a dar continuidade às tradições de nossa Academia. Nossos fundadores já não se encontram entre nós, apenas a sua inspiração e os seus ideais acadêmicos sobrevivem. Mesmo os que vieram depois já desapareceram nestes cem anos de sua fundação. Muitas cadeiras têm hoje o seu quinto ou sexto ocupante, pois nos tornamos forçosamente eméritos cada quinze anos. Isto significa que a Academia já se enraizou no tempo, sempre leal aos valores intelectuais que a inspiraram.

Foi o verdadeiro espírito acadêmico que motivou a fundação e a continuidade da agora vetusta Academia de Medicina de São Paulo. O mesmo espírito que animou Platão a fundar sua primeira escola nos jardins do famoso herói **Academos**: a mesma necessidade do "Logos", da Razão e do Diálogo, que caracterizaram sua filosofia. O mesmo diálogo que foi a base do seu sistema e que consistia num conversar, num discutir, num perguntar e num responder,

entre pessoas associadas pelo mesmo interesse comum do conhecimento de um ramo acadêmico: nas artes, na literatura ou nas ciências. Foi nas Academi-

as do período clássico que o diálogo foi concebido pelos gregos como melhor forma de expressão das idéias e do conhecimento. Estamos seguros que os princípios continuaram os mesmos no espírito das Academias. Fizemos muito pouco nos últimos 2.500 anos, além de elaborar e tentar embelezar as idéias derivadas do pensamento grego. Nossa concepção de acadêmico é a do homem que sentiu sua missão, do homem que busca um significado, que tem a percepção de si mesmo e dos outros.

Freqüentamos as Academias para trocar idéias - mas, para trocá-las, é preciso tê-las! E se não as

tivermos, urgentemente precisamos adquiri-las.

A Academia que queremos está ainda sendo construída. O projeto é ambicioso e para realizá-lo precisaremos contar com a participação de todos os acadêmicos e dos que vierem juntar-se a nós, pois homem nenhum consegue construir sozinho.

Não são apenas os maus dirigentes de uma nação os únicos responsáveis pelos erros e males que afligem o seu povo, mas, também, os que se tornam indiferentes, os que se conservam comodamente alheios aos problemas da instituição.

O pensamento brasileiro jamais esteve lá onde tem sido procurado. Alienamo-nos nutrido esperanças mágicas que venham milagrosamente solucionar, se possível sem esforço, os nossos problemas. Não podemos mais ficar esperando que um futuro nos caia do céu. Ele deverá ser construído agora, realizando um projeto, adotando uma posição, uma causa, um ponto de vista.

O centenário desta Casa, que se aproxima, estou certo, nos ajudará, nos contatos que teremos com os Acadêmicos, a motivar e a dar de novo à luz os ideais de nossos antecessores que fundaram-na no século passado, reinvestindo numa

nova filosofia médica brasileira, que ainda não existe, mas que poderá vir a existir.

Creemos ainda numa Medicina-Arte, na verdadeira Medicina Hi-

pocrática, que é a Arte de fazer o bem, que respeita a santidade da vida e o vínculo do paciente com a família, e em que bem-estar humano é o objetivo principal de todo esforço do médico. Descremos de uma medicina que só cuida do aspecto animal do homem, desprezando sua dimensão espiritual. Abolir esse tipo de medicina é função verdadeiramente humanística de Instituições como nossa. Não se espera que terminemos nossa tarefa, mas se espera que façamos a nossa parte.

\* Raul Marino Jr. é presidente da Academia de Medicina de São Paulo

*"O homem acadêmico  
tem a percepção de  
si e dos outros"*

*"O bem-estar humano  
é o objetivo do  
esforço médico"*



## Vida Cultural

# O DEUS APOLO, OU FEBO, E SUAS NOVE MUSAS

*Modesta mas muito calorosa homenagem aos ARTISTAS DO SOM, DA COR, DA FORMA, DO MOVIMENTO, de TARCIZO LEONCE PINHEIRO CINTRA.*

- 1) JÚPITER romano, na Grécia o nobre ZEUS
- 2) que, do divino OLIMPO, era o supremo deus,
- 3) de MNEMÓSINE, as nove MUSAS concebeu
- 4) lindas filhas, para as quais certo resolveu:
- 5) fê-las obedientes ao grego deus APOLO,
- 6) filho seu, de LATONA vindo com regalo,
- 7) na Hélade, em diversos templos adorado,
- 8) e, na mui antiga Roma, em FEBO transmudado,
- 9) deus da MEDICINA, das ARTES e do DIA,
- 10) seu belo corpo esculpado com mestria.
  - 11) Das nove MUSAS, fez cada uma inspiradora
  - 12) de uma ARTE, e só dela sua deusa protetora:
  - 13) Culta CLIIO, sábia deusa, feita da HISTÓRIA,
  - 14) que registra do Homem e das Nações sua memória.
  - 14) A COMÉDIA, que bem distrai a humanidade,
  - 16) a alegre TÁLIA presidia com suavidade.
  - 17) Da DANÇA, plena de coreografias mil,
  - 18) TERPSÍCORE, a deusa graciosa e assaz gentil.
  - 19) A TRAGÉDIA, com seu bem forte e triste drama,
  - 20) MEPÔMENE protegia com intensa flama.
  - 21) Dos HINOS SACROS, que inspiram contemplação,
  - 22) mística POLÍMNIA com imensa devoção.
  - 23) ÉRATO, lírica, da POESIA AMOROSA.
  - 24) de versos românticos, rima decorosa.
  - 25) Da MÚSICA, de sons composta com harmonia.
  - 26) a canora EUTERPE, com suave bonomia.
  - 27) Da POESIA ÉPICA, dos heróis sua cantora,
  - 28) CALÍOPE, garbosa, a déia protetora.
  - 29) O cósmico universo que é da ASTRONOMIA,
  - 30) a estelar URÂNIA presidia com ufania.
- 31) Afinal, nove MUSAS juntas convivendo,
- 32) cada qual, porém, seu domínio protegendo;
- 33) foi assim que JÚPITER, ou ZEUS, lindas tornou
- 34) as obras d'ARTE, com as deidades que criou!...

O coordenador deste Suplemento Cultural, Guido Arturo Palomba, tomou posse, no último dia 31 de agosto, na cadeira nº 9 da Academia Paulista de História, que tem por patrono Frei Vicente do Salvador, o primeiro brasileiro a escrever um livro sobre a História do Brasil. O fundador da cadeira foi Arnaldo Amado Ferreira, médico, historiador, professor de medicina legal, discípulo de Oscar Freire. O antecessor foi Raul de Andrada e Silva, que representou de forma distinta a intelectualidade paulista que, no dizer jocoso mas muito carinhoso dos Acadêmicos, era neto de duas estátuas: por parte de pai, de José Bonifácio, o moço, cujo busto encontra-se nas Arcadas, e por parte de mãe, de Caetano de Campos, o que dá nome à tradicional Escola Normal da Praça da República, à cuja frente se ergue o busto do grande fluminense.



A elite dos juristas se reuniu e dessa reunião nasceu o livro Formação Jurídica, a ser lançado no dia 22 de setembro próximo, às 18h, na Livraria Cultura, Conjunto Nacional. A proposta do trabalho é a reflexão em torno à necessidade de uma formação ideal para os operadores jurídicos, numa fase da História brasileira em que a Justiça tem sido tão requisitada e pode ser avalista da democracia no continente. Assinam a obra os mestres Antonio Cláudio Mariz de Oliveira, Elvino Silva Filho, Hugo Nigro Mazzilli, Ives Gandra da Silva Martins, José Eduardo Farina, José Renato Nalini e Norma Kyriakos.



Aldir Mendes de Souza, médico e renomado artista plástico, acaba de encerrar, com grande sucesso, a importante exposição no Museu de Arte Brasileira, Fundação Armando Alvares Penteado, intitulada Movimento da Cor. Por que esse nome? O próprio artista responde: "Realizo esta exposição para mostrar o movimento das cores. Elas não são entidades separadas, mas sim padrões interligados de energia, que são detectados por algumas "células no olho, originando sensações. As Cores se influenciam mutuamente quando justapostas. Cabe ao observador escolher uma ou várias delas e viajar através do espaço-tempo da tela".